

4 INTERDISCIPLINARIDADE: a essência humana para a sustentabilidade da educação?

Fausto Rogério Gentile¹

RESUMO: Este artigo pretende de forma preliminar abordar, observar e dialogar sobre uma visão epistemológica da Interdisciplinaridade, uma vez que se misturam nela prática e teoria. O gatilho das reflexões parte do texto de Ivani Catarina Arantes Fazenda²: Interdisciplinaridade: Didática, Prática de Ensino e Direitos Humanos? Escrito para o XVII Endipe³ de 2014. Longe de fechar o diálogo e cristalizar conceitos, este texto propõe uma primeira tentativa de análise em buscar indicadores sustentáveis para a Interdisciplinaridade; onde o foco baseia-se na complexidade e na cultura dos envolvidos, para que após muitas reflexões e diálogos consigamos compreender de forma clara a importância da comunicação assertiva do Vir a Ser, mantendo vivos, protegidos, alimentados e prontos aqueles, que como nós, têm a necessidade de CoEvoluir, buscando assim, um equilíbrio interno e a capacidade intrínseca de autorreprodução do questões Interdisciplinares.

PALAVRAS-CHAVE: Interdisciplinaridade, Cultura, Complexidade, Inovação, Educação.

ABSTRACT: This article intends to address in a preliminary way, observe and talk about an epistemological view of Interdisciplinary, since it blends theory and practice. The trigger of the reflections of the text Ivani Catarina Arantes Fazenda: Interdisciplinary: Teaching, Practice Education and Human Rights? Written for the seventeenth Endipe 2014. Far from closing the dialog and crystallize concepts, this paper proposes a first attempt to analyze in seeking sustainable indicators for Interdisciplinary; where the focus is based on the complexity and culture of those involved, so that after much reflection and dialogue we can understand clearly the importance of assertive communication Come to Be, keeping alive, protected, fed and ready those, who like us, have a need to CoEvolution, seeking thereby an internal balance and the intrinsic ability of self-reproduction of interdisciplinary issues.

¹ Fausto Rogério Gentile¹: Doutorando em Educação Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Mestre em Educação e Artes pela UNESP – SP. Consultor de Projetos Sociais e Docente do SENAC Jundiaí/SENAC, São Paulo. Contato: fausto.rgentile@sp.senac.br

² Doutora em Antropologia Cultural pela USP, livre-docente em didática pela UNESP/Botucatu. Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Supervisão e Currículo, da PUC/SP, orienta o núcleo de estudos e pesquisas sobre interdisciplinaridade.

³ Encontro Nacional de Prática de Ensino.

KEYWORDS: Interdisciplinarity, Culture, Complexity, Innovation, Education.

Como qualquer outra atividade que envolva quesitos teóricos e práticos, e, que de alguma forma englobem uma heterogeneidade de pessoas, como a Educação e o Currículo, falar de sustentabilidade de seus pensamentos e ações está longe de ser um modismo ou uma característica apenas de alguns campos do conhecimento.

Sustentabilidade pode ser entendida como um conjunto de reflexões, práticas e disseminações coerentes que se tomam, para permitir que um sistema complexo se mantenha vivo, protegido, alimentado de nutrientes – sejam eles teóricos ou vivenciais – a ponto de sempre se conservar bem e subsistir ao longo do tempo, mesmo que riscos e intempéries conceituais e práticas possam se abater.

A intenção deste artigo é colaborar para reflexão e um diálogo consciente e consistente acerca de uma questão norteadora: Como estamos tratando a Sustentabilidade da Interdisciplinaridade defendida por nós?

Reflexões e diálogos são emergenciais, pois compreendemos a necessidade de não apenas conservar nossas ideias acerca do “Ser Interdisciplinar” assim como é ou está, mas também, para que possa prosperar, fortalecer-se e CoEvoluir⁴ com todos seus atores, ativos ou passivos, desta espiral sistêmica.

Para Leonardo Boff⁵ em seu livro *Sustentabilidade: O Que é e o que não é* (2012), as premissas de sustentabilidade, seja do universo, seja da Terra, dos ecossistemas e, também, de comunidades e sociedades inteiras, para que continuem vivas e se conservem bem, só conseguirão tal êxito se mantiverem seu equilíbrio interno e tornem-se capazes de se autorreproduzir.

Precisamos novamente insistir: Como estamos disseminando a Interdisciplinaridade entre nós? Em quais dimensões deste universo complexo chamado Educação, temos maior penetrabilidade? Onde ainda somos mal interpretados e não compreendidos? Como atuar pelas mudanças que queremos?

Boff (2012), em sua visão acerca da sustentabilidade afirma a existência de cinco pilares para sua estratificação – em divergência com outras tendências que afirmam e se estabilizam em apenas três – Para o autor os cinco pilares são: Social, Ambiental, Econômico, Cultural e o principal deles, o quinto pilar, o

⁴ O Conceito de CoEvoluir significa em linhas gerais a necessidade de evolução coletiva, onde compreendemos que sozinhos não seja possível catalisar ações, atitudes e pensamentos coerentes para uma referida ação. Para aprofundamento no conceito sugerimos a leitura do livro de Otto Scharmer: *Teoria U*.

⁵ Leonardo Boff, pseudônimo de Genésio Darci Boff, teólogo brasileiro, escritor e professor universitário, expoente da Teologia da Libertação no Brasil. Foi membro da Ordem dos Frades Menores (franciscanos). Ficou conhecido pela sua história de defesa das causas sociais. Atualmente dedica-se, sobretudo às questões ambientais.

Espiritual, concebido pelo autor como a “Essência Humana.”⁶ Esta espiritualidade seria na visão de Boff, o principal fator agregador e de lastro para a sustentabilidade de organismos complexos.

Manifesto que a Educação pressupõe todos os pilares citados pelo autor e deles necessita para tornar-se compreensível e desbravadora de todos os indivíduos nela envolvidos, porém, ficaremos neste texto, apenas com o quinto pilar. Como a essência humana pode ser disseminada pela Interdisciplinaridade? Qual a assertividade dos instrumentos que utilizamos para nos comunicarmos sobre nossa visão da essência humana? Como somos entendidos? Que fontes evidenciamos para envolver aqueles que ainda concebem a Interdisciplinaridade apenas como uma junção de disciplinas e de saberes diferentes?

Buscaremos dialogar neste texto esta visão inspiradora, chamada por Boff de essência humana, de Espiritualidade, e, por Ivani Fazenda “Do vir a Ser Interdisciplinar”. Neste sentido a autora nos mostra um caminho: “se definirmos Interdisciplinaridade como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, cabe pensar aspectos que envolvam a cultura do lugar onde se formam professores, seu aspecto humano!” (2014, p. 1)

Nos alerta, e nos instiga a autora para a questão das Culturas, que apesar de deveras complexa deve ser entendida e catalisada pela observação e inclusão de todos os atores envolvidos no processo educacional, neste sentido Fazenda (2014, p, 2) complementa:

Cada disciplina precisa ser analisada não apenas do lugar que ocupa ou ocuparia na grade, mas, nos saberes que contemplam, nos conceitos enunciados e no movimento que

⁶ Segundo Leonardo Boff, em 1845, Karl Marx escreveu suas famosas 11 teses sobre Feurbach, publicadas somente em 1888 por Engels. Na sexta tese Marx afirma algo verdadeiro, mas reducionista: “A essência humana é o conjunto das relações sociais”. Descritivamente, sem querer definir a essência humana, ela emerge como um nó de relações voltadas para todas as direções: para baixo, para cima, para dentro e para fora. É como um rizoma, aquele bulbo com raízes em todas as direções. O ser humano se constrói na medida em que ativa este complexo de relações, não somente as sociais. Em outros termos, o ser humano se caracteriza por surgir como uma abertura ilimitada: para si mesmo, para o mundo, para o outro e para a totalidade. Sente em si uma pulsão infinita, embora encontre somente objetos finitos. Daí a sua permanente impenitência e insatisfação. Não se trata de um problema psicológico que um psicanalista ou um psiquiatra possa curar. É sua marca distintiva, ontológica, e não um defeito. Mas aceitando a indicação de Marx, boa parte da construção do humano se realiza, efetivamente, na sociedade. Daí a importância de considerarmos qual seja a formação social que melhor cria as condições para ele poder desabrochar mais plenamente nas mais variadas relações. Sem oferecer as devidas mediações, diria que a melhor formação social é a democracia: comunitária, social, representativa, participativa, de baixo para cima e que inclua a todos sem exceção. Na formulação de Boaventura de Souza Santos, a democracia deve ser “ser sem fim.” Temos a ver com um projeto aberto, sempre em construção que começa nas relações dentro da família, da escola, da comunidade, das associações, dos movimentos, das igrejas e culmina na organização do estado.

esses saberes engendram, próprios de seu lócus de cientificidade. Essa cientificidade, então originada das disciplinas ganha status de interdisciplina no momento em que ao movimento da disciplina seu próprio movimento for incorporado ao mundo.

Apropriados da necessidade de observar e refletir acerca das Culturas dentro de uma prática Interdisciplinar, Fazenda nos traz a questão acerca da ordenação social como caminho de formar cidadãos do mundo e para o mundo, capazes de ler, não apenas textos e interpretá-los, mas também, de realizar a leitura do mundo em que vivem, e informados, consigam com criatividade e inovação intervir de forma positiva, de forma Interdisciplinar. Neste sentido amplo, complexo e global de formação de sociedade e cidadãos, a autora (FAZENDA, 2014, p. 2) explicita:

(...) Ordenação social, busca o desdobramento dos saberes científicos interdisciplinares às exigências sociais, políticas e econômicas. Tal concepção coloca em questão toda a separação entre a construção das ciências e a solicitação das sociedades. No limite, diríamos mais, que esta ordenação tenta captar toda complexidade que constitui o real e a necessidade de levar em conta as interações que dele são constitutivas. Estuda métodos de análise do mundo, em função das finalidades sociais, enfatiza os impasses vividos pelas disciplinas científicas em suas impossibilidades de sozinhas enfrentarem problemáticas complexas.

Neste sentido a autora afirma que o debate acerca dessa complexidade das Culturas, da ordenação social e busca do “Vir a Ser Interdisciplinar” precisa iniciar-se nas universidades, onde a questão humana deve ser incluída na organização dos estudos, onde prevê potencialidades e reverses para a Interdisciplinaridade. Potencialidades, pois conseguimos nos observar e nos envolver questões holísticas⁷ e heurísticas⁸ em nosso processo de intervir, onde sempre buscamos a essência humana. E reverses, uma vez que precisamos alinhar nosso discurso, e nos lançarmos ao mundo, cientes da complexidade, das limitações e de nossa historicidade como fator científico e humano.

⁷ Holismo (do grego *holos* que significa inteiro ou todo) é a ideia de que as propriedades de um sistema, quer se trate de seres humanos ou outros organismos, não podem ser explicadas apenas pela soma dos seus componentes. O sistema como um todo determina como se comportam as partes. O princípio geral do holismo pode ser resumido por Aristóteles, na sua *Metafísica*, quando afirma: *O todo é maior do que a simples soma das suas partes*.

⁸ Heurística é um método ou processo criado com o objetivo de encontrar soluções para um problema. É um procedimento simplificador (embora não simplista) que, em face de questões difíceis envolve a substituição destas por outras de resolução mais fácil a fim de encontrar respostas viáveis, ainda que imperfeitas. Tal procedimento pode ser tanto uma técnica deliberada de resolução de problemas, como uma operação de comportamento automática, intuitiva e inconsciente .

Assim, concordamos com as ideias de Fazenda, quando reflete sobre a necessidade de profunda análise de como está sendo pensada, praticada e comunicada a Interdisciplinaridade, pois sabedores que somos das questões complexas que cercam nossas atitudes e da clara consciência de nosso papel integrador na Educação e formação de cidadãos informados e ativos para a sociedade, temos também, a notória função de nos referendarmos e nos apresentarmos, com precisão, humildade e capilaridade em diversos grupos e nichos onde nossa essência seja colocada a serviço de atores sociais oriundos de qualquer cultura.

As questões relativas à essência humana, a criatividade, aos processos de inovação e aos cuidados a diferentes culturas são consideradas por Fazenda como “a capacidade de identificar os diferentes tipos de saberes em jogo no ato de ensinar, tomando-os como incompletos e sempre insuficientes.” (FAZENDA, 2014, p. 9).

A autora (FAZENDA, 2014) pressupõe que tal capacidade envolve várias facetas como a formação de professores, os aportes da didática, a cultura dos envolvidos e a manutenção dos espaços educativos. Deveras complexa e sistêmica esta espiral tem na pesquisa Interdisciplinar uma fonte de inspiração e resolução, desde que sejam resguardados os cuidados necessários, que devem ser tomados de formado sensível e ao mesmo tempo encarados com ousadia e proposta de inovação. Fazenda (2014, p.9) afirma:

A função subversiva e polêmica da pesquisa interdisciplinar em educação, pressuporá o sentido de uma formação profissional dos docentes, em educação deliberadamente subversiva e polêmica. Porque esta é a única direção que pode oferecer a garantia de evitar as interpretações subentendidas, a hegemonia de uma doxa pedagógica, o discurso complacente, organizando a felicidade por decreto, como dizia Olivier Reboul em 1992. E, sem dúvida, favorecendo este encontro, esta confrontação construtiva entre os diferentes quadros teóricos e conceituais que se propõem ler e compreender a prática de ensino que a formação profissional poderá retornar em todo seu poder de mudança social.

Refletindo sobre a importância das Culturas nesta busca do Vir a Ser Interdisciplinar, dessa essência humana podemos buscar interlocução sensível e saudável, e, porque não interdisciplinar entre Sociedade, Currículo, Formação de Professores e Educação.

Observar e perceber as diversas culturas existentes no entorno dos ambientes escolares e nas formas de pensar e intervir do Currículo está sendo disseminada e refletida por nós de forma intensa. Tal forma refere-se, no universo da Educação, a uma visão interdisciplinar que conduz os diversos atores: educadores, alunos, gestores e pesquisadores a compreender e (re) conhecer a realidade que circunda os locais onde vivem, estudam e trabalham os educandos.

Não seria suficiente estudar história se não existe abertura para conhecer a origem das diversas tradições culturais que constituíram sua cidade, não bastaria estudar matemática se não a utilizarem para compreender o potencial econômico que os afeta cotidianamente, não bastaria o estudar das ciências da natureza se não fosse com o intuito de conhecer e compreender os desafios ambientais que os assola; nossa organização territorial e indubitavelmente todas as desigualdades sociais que nos cercam.

Este potencial cultural e interdisciplinar que agrega valor substancial ao Currículo gera um círculo de informações capazes de motivar a participação social e o engajamento dos atores sociais-educandos, e, na contrapartida de nossa reflexão, poderíamos propor a ideia de que o absentismo cultural, visto como uma aculturação seria forte segregadora social gerando uma falta de informação capaz de afastar os envolvidos de uma participação ativa, e, dessa forma, não seria estável um Desenvolvimento Educacional/ Social.

Esta amalgama interdisciplinar entre cultura local e Currículo poderia aumentar o nível de relacionamentos dos envolvidos, pois os olhares e indagações estariam no nível do bairro onde vivem, na região de entorno e na cidade, além de protagonizar vínculos com pessoas e instituições do cotidiano, como educadores e escola.

O Currículo estaria nessa vertente buscando outro olhar para a brecha existente entre o conhecimento formal e o mundo real onde cada pessoa vive. De forma a ser a ponte entre conhecimentos formais e informais, o currículo poderia formar cidadãos transformadores de sua própria realidade social, e, a escola tornar-se um local facilitador por meio de diversos mecanismos, como Redes Locais, parcerias com movimentos sociais e organizações atuantes nos bairros.

Dessa forma, a ideia de pensar e construir um Currículo com foco na Interdisciplinaridade instiga-nos em efetivar práticas deste aporte, formando cidadãos capazes de intervir e gerar iniciativas eficazes em seu bairro, regiões de entorno e cidade. E assim, outra cultura seria possível: a de formar cidadãos conscientes de sua capacidade transformadora podendo assim, ajudar e transformar a realidade que os cercam, e, não apenas instigá-lo a migrar da região onde vive em busca de melhores condições de vida e trabalho.

O Currículo dentro desse aspecto Interdisciplinar de Cultura poderia fornecer conjuntamente com instrumentos e práticas formais, dados básicos dos diversos contextos que regem a vida de todos os cidadãos - podemos citar como exemplo os diversos indicadores e variáveis econômicos e sociais - embasando de forma concreta e real as práticas necessárias para a formação integral dos mesmos.

Os educadores nessa visão teriam que se (re) qualificar tornando-se facilitadores de um processo de Desenvolvimento Cultural e Social. Confrontando o que ensinam com as realidades vividas por todos, talvez, uma motivação para todos nós que estamos acerca das potencialidades e fragilidades do cotidiano escolar tenhamos um alento em conseguir uma

compreensão sensata por parte de nossos educandos acerca de uma questão que eles mesmos levam como norteadora: Mas para que serve estudar isso?

Pensar o Currículo com esta motivação poderá ser instigante, pois os envolvidos construiriam desde as séries iniciais um interesse de contrastar sua cultura com outras de regiões e países diversos, mensurando suas potencialidades e aprendendo a observar outras formas de minimizar seus reveses, criando identidade e vínculos sólidos.

E nós, preocupados e imbuídos desta fonte interdisciplinar precisamos nos tornar mediadores de nosso discurso, de nossas propostas, de nosso modo de ver e observar o mundo buscando e defendendo, parafraseando Fazenda, “O Direito Humano de Criar”, a possibilidade de todos a “Vir a Ser Interdisciplinar” e defendermos a crença de que estamos a serviço da “Essência Humana”, que indubitavelmente é Interdisciplinar.

REFERENCIAS.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é e o que não é?** Petrópolis: Vozes, 2012.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade: Didática, Prática de Ensino e Direitos Humanos?** Texto apresentado ao XVII ENDIPE – Encontro Nacional de Prática de Ensino – Setembro de 2014.

_____. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** Campinas: Papirus, 2012.

_____. **Metodologia da Pesquisa Educacional.** Ivani Fazenda (org.). São Paulo, Cortez, 2010.

LEVI-STRAUSS, Claude. **A Antropologia Diante dos Problemas do Mundo Moderno;** tradução Rosa Freire Daguier. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARIOTTI, Humberto. **Autopoiese, Cultura e Sociedade.** São Paulo: Palas Athena, 1999.

MATURANA, Humberto, VARELA, Francisco. **A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana.** Tradução Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MORIN, Edgar. **O Método III – o conhecimento do conhecimento.** Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

SCHARMER, Otto Claus. **Teoria U: como liderar pela percepção e realização do futuro emergente.** Tradução de Edson Furmankiewicz. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.